

O Crítico das Cartas

Dr^a. Célia Marques Telles (UFBA/CNPq)¹

RESUMO: *A análise dos documentos do Dossiê Arthur de Salles mostraram que muitos daqueles manuscritos são esboços de discursos. Esse estudo foi começado pelos discursos éditos, publicados, por exemplo na revista Os Annaes ou nos jornais baianos por Norma Suely da Silva Pereira, considerando, como ela argumenta, que eles documentam a expressão da crítica literária de Salles. O estudo da correspondência entre Arthur de Salles e Durval de Moraes tanto mostra a sua atividade nas reuniões literárias na Cidade da Bahia nos primeiros anos do século XX, como traz a crítica a seus contemporâneos. É essa atividade de crítico exposta nas cartas que será analisada neste momento, trazendo elementos para o estudo desse discurso crítico do poeta baiano. Espera-se, portanto, contribuir para a reconfiguração do perfil do poeta, complementando as análises que vêm sendo feitas.*

Palavras-chave: crítica; correspondência; inéditos.

Introdução

Em 1986 Célia Goulart de Freitas Tavares (1986, f. 26), ao tratar pela primeira vez dos manuscritos em prosa de Arthur de Salles, informa haver encontrado três discursos: um deles proferido quando integrava uma comitiva que ia para Sergipe e para Alagoas, o segundo agradecendo homenagens a ele prestadas no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, o terceiro também de agradecimento. Desses somente o segundo se acha datado: 13 de maio de 1922.

Em outro capítulo, ao tratar da relação entre a prosa e a poesia de Arthur de Salles (TAVARES, 1986, f. 113-125), estabelece ela três tipos de relação entre a prosa e a poesia:

O primeiro deles, se consideramos a ligação tornada explícita pelo autor obedecendo a um esquema do tipo: **isto** inspirou-me **isto**, ou seja, uma relação de implicação lógica do tipo: **X** → **Y** (TAVARES, 1986, f. 113).

O segundo, decorrente de nossas observações, prende-se ao fato de a prosa poder vir a ser considerada como **esboço** da poesia, agora como uma relação do tipo: **X** ↗ **Y** (TAVARES, 1986, f. 113).

Além dessas duas relações entre a prosa e a poesia parece-nos possível ainda estabelecer uma terceira que é também declarada pelo autor, mas agora do tipo: “a **prosa** apresenta a **poesia**, numa tentativa de explicá-la aos ouvintes” (TAVARES, 1986, f. 116).

Os primeiros exemplos então citados – “o trecho final de **Tudo no mar é poesia**” e “O mar é o reflector do céu”, em que fala do por do sol na Baía de Todos os Santos, tomado como esboço do soneto **Occaso no mar**, ou “O grande poeta francez...”, que mostra como o poeta chegou à criação do soneto “Em que trecho de mar, sob que céu maldito,” –, com o desenvolvimento das pesquisas sobre a obra de Arthur de Salles, em especial os manuscritos em processo, não parecem apresentar esse tipo de implicação lógica. Seriam, antes, excertos incompletos de discursos de apresentação de seus versos em tertúlias. É bem verdade que, em alguns deles, Salles declara a relação aludida por Célia Tavares, como no caso do primeiro exemplo por ela citado:

Uma jangada, numa tarde, com a sua vela branqueando nas ondas, uma pobre jangada, evoca cada aporia da vela e os primeiros passos do homem no caminho do mar. Ela inspirou-me estes versos.

Vou contigo ao sem fim nebuloso das eras. (doc. 004: 0068 , TPM, L. 39-42, c. 1922)²

O segundo exemplo, entretanto, não parece diferir muito do tipo do primeiro:

Ver o sol, no fim da tarde, no occaso afogueado a esconder-se no mar, medroso da noute! Este espetaculo in[s]pirou este soneto:
O céu a valva azul de uma concha semelha. (doc. 004: 0089, OMR, L. 15-18, c. 1922)

No primeiro caso, a referência se faz ao soneto **A Jangada** (CARVALHO, 2001, f. 547-548), enquanto no segundo, a **Ocaso no mar** (CARVALHO, 2001, f. 563-564).

Do terceiro tipo de relação estabelecido por Célia Goulart de Freitas Tavares (1986, f. 116-119) citam-se dois exemplos. No primeiro deles, o manuscrito inacabado relativo a **O ramo da fogueira** (doc. 004: 0105; TAVARES, 1986, f. 80-81; REIS, 1996, f. 77-78) escreve Salles:

O assumpto deste quarto de hora é um poemeto dramatizado todo ele bebido no folclore, cartilha luminosa e pura onde minha poesia se tem desse[de]ntado da sêde das cousas regionaes. No poema *Sangue Mao* glosei uma das velhas superstições ainda habitantes da alma crendeira de nossa gente.
Trago-vos hoje um poemeto, uma outra glosa: o Ramo da Fogueira. [...] (doc. 004: 0105, RFO, L. 2-9, c. 1929)

Enquanto num segundo exemplo deste tipo, de que apenas se tem a primeira parte, relativo ao poema **O cão de bordo** (doc. 004:0091; CARVALHO, 2001, f. 474-477), o tema do texto é o núcleo do poema. Tudo parece indicar tratar-se também de um discurso de apresentação do poema, já afirmava Célia Goulart de Freitas Tavares (1986, f. 105):

Eu vos falei da fascinação do mar, desse amor entranhado que o homem tem pelo mar. Há certos animaes que sentem por ele a mesma fascinação. O cão se afaz a vida dos oceanos. Conheci um que levava a vida inteira correndo mares e, quando, já velho, ingratamente o atiraram em terra, ele ainda sentia alvoroços de alegria ao vel-o nos ³ (doc. 004: 0091, CÃO, L. 22-29, c. 1912)

Mais recentemente, no âmbito do projeto **A Construção da prosa regional de Arthur de Salles**, Ludmila Antunes de Jesus (JESUS; TELLES, 2005) retoma o problema, agora buscando mostrar outras relações e contestando a afirmativa de Célia Goulart de Freitas Tavares, após argumentar com os mesmos exemplos por esta utilizados. Ludmila Antunes de Jesus (JESUS; TELLES, 2005, p. 82) conclui, então que:

Não há uma implicação lógica entre a prosa e a poesia, os textos são independentes sendo que alguns fragmentos remetem-nos a outros textos. Podemos afirmar que esses textos em prosa fazem parte de um discurso introdutório dos textos em poesia. A prosa, nesses casos, serve como uma apresentação, e não como esboço da poesia.

2 O que revelam os Periódicos e as Cartas

No banco de dados **Dossiê Arthur de Salles** (2007; TELLES, 2005), as informações sobre os registros em periódicos, jornais e revistas, mostram ter sido o poeta um freqüentador assíduo de reuniões literárias, as chamadas tertúlias. Fato que é por ele corroborado nas cartas a Durval de Moraes.

Em 1902, a **Nova Revista** informa no **Noticiário** que “Arthur de Salles exhibe-se com a **Canção Mesta**”. O número da **Gazeta do Povo**, do dia 26 de outubro de 1905, traz uma notícia sobre a agremiação **Nova Cruzada**, dizendo ter sido “Orador Arthur de Salles” e registrando ainda ter “Durval de Moraes recitado o seu poemeto **Torturado**”. O jornal **O Imparcial**, no dia 16 de

maio de 1919, noticia a última palestra da **Hora Literaria dos Novos**. A revista **Renascença**, em julho de 1919, informa ter sido essa mesma **Hora Literaria dos Novos** fundada em 21 de junho de 1918. O número do jornal **A Tarde**, de 31 de janeiro de 1927, cita Arthur de Salles e **As tertulias do nosso Instituto Historico**. A **Revista da Academia de Letras da Bahia**, no número de junho-dezembro de 1931, publica um resumo do discurso do acadêmico Arthur de Salles.

Por sua vez, o próprio Arthur de Salles, inúmeras vezes, diz ao amigo Durval de Moraes que fez ou fará um discurso, informando as reuniões literárias, às quais teria comparecido ou não:

Hoje tambem é o dia da Cruzada. Lá vou á noute, mas triste e com saudade. 061:0221, L. 11-12 (13/05/1908)⁴

No dia 24 deste que expira houve uma festinha com a entrada do Tapiranga. Recitei uns versos simples. 063: 0261, f.1, L. 28-30 (30/05/1912)

No mesmo dia em que se lia a pagina do Almachio eu lia para o Domingues, a Sombra Fecunda com um grande riso a me <inundar> banhar os olhos, os labios e a alma, dando-lhe [↑ao poeta] em cada estrophe um muito de ideias e de emoções grandes como o Futuro..... <As> Ouviam-se o Galdino, o Asterio de Campos, e outros moços. 064: 0280, f. 2, L. 16-22 (ant. A 17/01/1913)

O Roberto Correia <fo> lerá numa sessão do Instituto Historico uns versos meus com uma apresentação, ou divulgação, em meados de Abril. 066: 0326, f. 6, L. 5-9 (05/04/1917)

Hoje, 13 de Maio, as 8 horas da noute, o Instituto Historico, depois da leitura dos versos, do Mar, me fará uma festa, carinhosa, iniciativa de amigos. Lerei os teus versos do Mar, receberei a homenagem do Instituto e dos amigos. Terei ao meu lado os restantes cavalleiros da Cruzada. 068: 0350, L. 8-13 (13/05/1922)

Estou na maré das festas. Depois da do Instituto a da Villa. Quiz ella tambem homenagear-me e com ella o governo do Municipio que me deu uma sessão e uma ceia e musical *baile*. O orador que me saudou fallou da minha solidão e de seu nome E de nossa amizade no retiro de S. Bento das Lages. No salão do Instituto ouvi<†> commovido o elogio ao Armando de Campos. Aqui na simpleza de suas phrases os olhos se me encheram de lagrimas, lagrimas de saudade, de amizade, de amor. 068: 0351, f. 1, L. 2-11 (25/06/1922)

Hoje é o dia da Cruzada e do 1º Decennario da Cruzada!..... Ha pela cidade um rumor de festas comemmorativas: a da abolição, a do Centenario da Imprensa, a do Instituto Historico e a da Cruzada. Kilkerry fallará, Chiachio fallará! Lá a Cruzada espera em vão o seu orador, aprisionado no retiro tumultuoso e barbaro de S. Bento!... 071: 0413, f. 1, L. 2-7 (13.05.1911)

A Cruzada faz annos amanhã!.... Mandaram-me dizer que eu seguisse para fazer o discurso official. E eu não vou. Pobre Cruzada!... 071: 0417, f. 3, L. 5-7 (12/05/?)

De maneira que do Colon iremos á Pensão
Brasil, dahi á casa do Xavier e então depois
disto..... je ne sais où, para recitarmos
versos. Elle disse-me vamos viver um pouco.
E iremos. 071: 0419, L. 5-9 (s.d.)

O Roberto, na festa de 2 de Julho matou os oradores com
versos hugoanos. A multidão applaudiu, applaudiu. 072: 0438, f. 3, L. 27-f. 4, L. 1
(s.d.)

3 As Cartas e a Crítica

Em entrevista, em julho de 1980, Hélio Simões (1980) chamou a atenção do Grupo de Filologia Românica para a existência de uma intensa correspondência entre Arthur de Salles e Durval de Moraes, dizendo serem “páginas literárias”. A leitura e a transcrição das cartas mostrou mais do que isso, pois em algumas delas Arthur de Salles emite juízo crítico sobre a obra de seus contemporâneos. Crítica impressionista que demonstra a extensão da cultura de Salles e o seu poder argumentativo. Não nos interessa aqui avaliar essa argumentação do crítico, tarefa de que se incumbem Norma Suely Pereira em sua tese de doutoramento.

As cartas a Durval de Moraes trazem juízos de valor sobre a obra do amigo e de outros contemporâneos, como se pode ver nos excertos abaixo. Para Salles, Álvaro Reis é um grande tradutor e, em especial, “o maior tradutor de Herédia”:

Quanto ao Alvaro. Mostrei-lhe os trechos das chronicas de Vieillard. Leu-os ancioso e tomou-os.
O Alvaro, porem, disse-me que na traducção do poeta paulista há uma falta grave: ventos alisados. Disse-me que não é possível. Alisios e só alisios. É termo exclusivamente maritimo não pode soffrer alteração.
Logo o Alvaro <an> está superior pelo [sic] fidelidade. Agora quase todo mais eu ainda fico com o Alvaro ao contrario do chronista. E note-se que o soneto foi ultimamente retocado e está um primor. **Quer queiram quer não o Alvaro é o maior traductor que <eu conheço> tem o Brasil, maximé de Heredia.** O traductor paulista não vae ao bojo do Kilkerry que é mais livre quanto mais do Alvaro. Ora, aqui está!... 062: 0237, f.1, L. 18–f. 2, L. 8 (18.01.1911)

Emite sua opinião sobre a obra de B. Lopes, após a morte do mesmo, salientando a sua importância ao lado de Cruz e Souza e a sua influência na obra de Armando Lopes, Galdino de Castro ou Jonas da Silveira:

Lendo uma pagina simples e curta do necrologio de B. Lopes, o poeta de Sinhá Flor, senti uma doce, uma grande saudade. Verdade é que o delicado artista devia *la* ter descido á repouso immortal aos Sete-Palmos logo que a lyra se lhe partiu na rocha da desgraça. Mas, horas e horas, no silencio da cella emquanto a terra florida radiava nos esplendores do verão, a morte do poeta veio evocar e revi-

ver todo um trecho da mocidade florida, radiando nos esplendores da Arte. E como se vivesse por algum tempo na intimidade do artista do Vale de Lyrios e depois, distanciado, lhe não soubesse do existir refluíu-me aos olhos uma lagrima.

Elle foi um dos que brilharam no periodo effervescente da Cruzada, ao lado de Cruz e Souza. Foi amado. Fecundara um punhado de almas novas sedentas de cousas novas. **Iluminou-as com as suas rimas claras, sonoras com os seus versos exquisitos, sua virtuosidade magnifica.** Encanara-as e inspirara-as com os seus *themas principescos*, seu mysticismo christão, suas *paysagens claras* calmas e com uma porção de cousas bellas, frageis, dulcinas, suaves. **Armando Lopes, Galdino de Castro foram na Bahia discipulos que honraram o mestre. Jonas da Silva foi no norte do paiz o seu maior discipulo.** Seus versos cantaram nas sessões, nas bohemias. Cruz e Souza, de um jeito diverso, arrebatara a visão artistica de authores. 062: 0253, f. 1, L. 2-22 (14.12.1911)

A propósito dos versos de José Domingues d’Almeida afirma serem estes “sempre torcidos, sempre torturados”:

José Domingues vae publicar a Anciã nove **sonetos symbolicos** precedidos talvez pela prosa do Kilkerry que está para emigrar. Encontrei-me ha dous dias, á noite, com elle, recitou-me **versos novos e bellos, sempre torcidos, sempre torturados.** 063: 0261, f. 1, L. 9-14 (30.05.1912)

Em outra carta comenta as críticas feitas à obra de José Domingues d’Almeida, acrescentando que “todo o Ancia é um arremedo de Cruz e Souza diluido em Da Costa”:

Domingues d’Almeida publicou o Ancia, plaquette de poucos sonetos. Almachio dedicou aos versos uma pagina em que elle deixa ver que existe nelles uma nova forma de lyrismo. É para elle depois de Manga-beira a melhor estréa. Cousas da Critica, meu velho, cousas da Critica. Sem querer amesquinhar o esforço alheio, **todo o Ancia é um arremedo de Cruz e Souza diluido em Da Costa.** Versos de reticencia orações curtas retenciadas, sonetos, sonetos – esforço minimo, sem vôo, sem alentamentos, sem a tortura de desdobrar-se por estrophes e estrophes abraçando a visão no multisono e no multiforme das Cousas sem a grande Dôr clamante do teu Verso desamado sem a magoa gemente do meu Verso odiado, sem o Anceio do nosso Verso. No mesmo dia em que se lia a pagina do Almachio eu lia para o Domingues, a Sombra Fecunda com um grande riso a me <inundar> banhar os olhos, os labios e a alma, dando-lhe [↑ao poeta] em cada estrophe um muito de ideas e de emoções grandes como o Futuro..... <As> Ouviam-se o Galdino, o Asterio de Campos, e outros moços. 064: 0280, f. 2, L. 1-22 (*ad quem* 27.01.1913)

A sua crítica sobre a poesia de Filemon e a sua renovação estética ocupa quase toda uma carta:

Na mala trazia **versos de sabor classico e tristezas românticas**.

Era o tempo da Nova Revista, a Segunda phase embryonaria da Cruzada. Vimo-nos, estimamo-nos. Elle trouxe-me uns versos com dedicatória affectiva de que só a memoria guardou estes primeiros:

“Em paginas fulgentes lord Byron

Pede a Mentrél que á doce lyra entoe

Tristonho hymno de amor...”

E começamos a viver a vida bella, toda fecundada na Illusão e no Sonho.

Daquelles primeiros tempos guardo tambem estes versos que talvez não os tenha o poeta:

“Na terra em que nasci deslisa um rio

Chamado Malombê.”

Era a visão ainda limitada pelo horizonte do torrão em que <na> viveo e pelos livros que leo da gente antiga. **Em breve sacudiria da penna a poeira classica e os singullos românticos, a sobrecarga do academicismo e as ternuras tremulas do sentimentalismo que ainda andam pelas gazetas cá da terra, deslizando pobres, escasos como esse Malombê do poeta. De facto: ao contacto com o grupo e com poetas, a sua poesia foi outra, toda nova, toda sua, original, partindo de Dejanira e dahi, accentuando-se victoriosamente em valores estheticos de mais alentado vôo.**

Dejanira é o marco miliario de sua nova <e de> phase de Artista. **Lê a Cruzada daquelle tempo inicial e vê se aquelles versos exquisitos, languidos, doridos, não se destacam, não abrem um remansado trecho claro dentre todo aquelle brumejamento, aquella musica estonteante como brados vermelhos de vida impetuosa, aquella luxuria <†>/d\ve imaginação tropical, aquelle embebedamento de sons, cores, aromas inundando capacetes medievos, torres de marfim.** Palestinos de rios de ouro, Cathedraes byzantinas refagulhando, prelios arriscados, guerreiros sangrentos e luminosos, damas pallidas em barbacans floridos olhando vultos de trovadores mendigos, pagens morrendo de amor nos braços de castellans, emquanto os Condes e os Barões pelejavam a peleja santa contra a mourama infiel, monjas do pallor dos luars morbidos agonizando nas cellas traspassadas pela [sic] sete espadas do Amor, e a paisagem <,> e a terra, e a Arte, **tudo assim mystico, sensual epico, lyrico, illuminado, numa infusão [sic] clara de sons, cores, aromas.....**

Oh! meu amado Poeta, o tempo dos sonhos descuidados, a loucura do novo, da Rima <rara> [↑rara], como uma loucura da Cruz! Não chegaste, mas eras ainda Paladino. Filemon bebeu desse vinho e comeu desse pão. A vez e vez, um espanto tomava a legião: era quando Roberto rodava pelo theatro a catapulta Bryoana [sic] das suas decimas, revoltando o philoneismo incondicional que a illuminava.

Filemon foi então a individualidade mais promissora. As correntes não <annularam> annullaram a vibração intima, ingenita do Poeta. Elle era aquillo mesmo: Filemon. Quando a visão dos outros foi se dilatando, quando os que eram foram mostrando a sua face sem o esgar transitorio da mascara, elle estava, como então, no seu eu, todo dentro do seu Verço [sic], todo acastellado no seu Sentir que corria para a Pagina sem o hysterismo das rimas e o satanismo dos adjectivos. Uns morreram, outros viram a flamma a apagar-se, ou esmorecer, não poderam irradiar. Elle, porem, foi o contrario: o turbilhão levou-o, mas [↑não] lhe apagou a flamma, elle foi quem a escondeu. Uma ephemera Victoria Mutilada entre as verdadeiras <†> Victorias Mutiladas da sua geração.

Foi sempre o Poeta das Tristezas que acharam nelle um interprete sincero.

A Vida só a entreviu elle nublada, envolta nessa bruma de tristeza que já Humboldt encontrava no fundo de todas as alegrias humanas. Por isso amei a sua poesia, por isso a amarás também, tú que andas a fazer Poemas das porções da tua Dor e da tua Tristeza de Incompreendido. Elle tem um soneto magnifico, pintura antecipada do seu Destino, das suas batidas pela Vida que fecha assim, como o sabes:

“Venho do Sonho e vou-me ás Amarguras
E orphão do Amor, viuvo da Saudade
Palmilho este deserto e o pó me cobre”

Seja a tua amizade a Castellã que o abrigue e reconforte. E sacudindo o pó que o cobriu no palmilhar desse deserto, levante-o de novo, á Fé, dê-lhe de novo a lyra esbambeada as cordas magnificas partidas pela mentira do Mundo. Oh! com que emoção te fallo!... Ama-o, pois, como o amei nos meus primeiros tempos. Ama-o que o teu Amor purifica e ressuscita... E não é verdade que tú és o Innovador dos Rythmos novos e um Ressur-rector de Almas?.... 063: 0279, f. 1, L. 8–f. 3, L. 18 (28.12.1912)

Em outra carta se refere à **poesia religiosa** do amigo:

Recebi tua cartinha, o livro do Garcia Rosa e a revista A Ordem. Tudo bom, tudo bello e tudo necessario. Alegrei-me immenso com teus versos. **A poesia religiosa no Brasil necessitava de um poeta da tua tempera não já pelo teu lyrismo mas também pela fibra epica.** <†> Como se disse, afora Alphonsus de Guimaraens, cujos versos magnificos ainda me soam aos ouvidos, **a poesia religiosa não passara de bemditos, ladainhas, cousas proprias para <córo> um côro. Isto quanto á que eu conheço.** E bem que a levantemos a altura de obras de arte. Já leste aquelles sonetos fortissimos de Verlaine?.. ao pobre Verlaine?.. Soberbos. 068: 0348, f. 1, L. 1-13⁵ (24.09.1921)

e, na mesma carta, refere-se aos versos de Garcia Rosa:

Os versos do Garcia Rosa, que eu *não* conhecia, **são formosos** Reli<†> com prazer alguns sonetos e o lyrio do Valle de uma doçura e de perfume de lyrio. 068: 0348, f. 1, L. 1-13 (24.09.1921)

Ainda nessa carta tece comentários a uma crítica feita por Xavier Marques⁶:

A pagina do Xavier não me causou surpresa. **É a repetição mais ou menos dos outros criticos.** Fôra melhor que o mestre de Janna e Joel dissesse que tudo isto – do per viam vitae ao Navarcha – era sensorial. O poeta esqueceu-se de pensar e de sentir. Os seus criticos deviam, quando tracejassem juizos sobre certos artistas, dizer consigo mesmos: vou dizer mais ou menos o que o poeta não quer dizer. É esta a minha missão.

Melhor fez a Revista do Brasil, noticiando tardiamente – a respeito do livro “alentado volume um nada que os notabilise” Verdade, meu amigo, pura verdade. Faltou, porem, ao noticiaria espaço para acrescentar: porque não foram escriptos em S. Paulo. 068: 0348, f. 2, L. 6-18 (24.09-1921)

Mostra-se, em outro momento, indignado com a recepção da crítica ao livro *A sombra fecunda* do amigo Durval de Moraes:

No entanto **se a critica litteraria andasse a par do movimento artistico do paiz, veria no Sombra Fecunda a mais bella tentativa de rythmos novos no Brasil, prece-dendo toda essa novidade já um pouco velha de Marinetti e outros.** Que o verso não fique preso a canones, bem. Mas isto de cortar a syntaxe, de escrever telegraphicamente e fazer outros tantos malabarismos não. No entanto não critico, não posso criticar o que se seja do seu tempo. Futurismo, prosantismo, momentismo (ou instantismo como lhe chamo) deixará o que for bello, duravel, como as outras escolas. Creio no futurismo brasileiro, sua poesia da vida, das cousa [sic] do Brasil e não nesse futurismo que chega [↑da Europa] com a ultima gravata e o ultimo romance pornographico. 071: 0421, f. 1, L. 12-23 (s.d.)

Conclusão

O exame que se acaba de fazer mostra esboços de crítica traçada pelo poeta Arthur de Salles, deixando entrever o que se pode encontrar na sua obra crítica, veiculada nos discursos, encumiástica, impressionista, mas que mostram uma nova faceta da obra do poeta baiano. Desse modo, acrescenta-se mais um aspecto à reconfiguração do perfil de Arthur de Salles.

Referências bibliográficas

- [1] CARVALHO, Rosa Borges dos Santos. 2001. **“Poemas do mar” de Arthur de Salles: edição crítico-genética e estudo**. Salvador: UFBA;PPGLL. Tese orient. por Nilton Vasco da Gama.
- [2] DOSSIÊ ARTHUR DE SALLES: cartas revistas. 2007. Salvador: UFBA;CNPq. Banco de dados organizado pelo Grupo de Filologia Românica.
- [3] JESUS, Ludmila Antunes de; TELLES, Célia Marques. 2005. Prosa e poesia: uma análise intertextual na obra sallesiana. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA, 9; anais. Rio de Janeiro: CIEFIL. p. 76-83. **Cadernos do CNLF**, v. 9, n. 7.
- [4] REIS, Maria da Conceição Souza. 1996. **“O Ramo da fogueira”, obra regional de Arthur de Salles: proposta de edição crítica**. Salvador: UFBA; PGL. Dissertação orient.
- [5] SIMÕES, Hélio. Entrevista ao Grupo de Filologia Românica. Salvador: Instituto de Letras, julho 1980.
- [6] TAVARES, Célia Goulart de Freitas. 1986. **Alguns aspectos da prosa dispersa e inédita de Arthur de Salles**. Salvador: UFBA/PGL. Dissertação orient. por Nilton Vasco da Gama.
- [7] TELLES, Célia Marques. 2005. **O Dossiê Arthur de Salles**. Salvador: UFBA; CNPq. Não publicado.

¹ **Célia Marques TELLES**, Doutora em Filologia Portuguesa (USP), Professor Titular de Filologia Românica (Instituto de Letras da UFBA, Departamento de Fundamentos para o Estudo das Letras)

E-mail: cmtelles@ufba.br

² Os textos manuscritos são identificados com as abreviaturas: CÃO = **O cão de bordo**, doc. 004: 0091; OMR = “O mar é o reflector do céu”, doc. 004: 0089; RFO = [**O ramo da fogueira**], doc. 004:0105; TPM = “Tudo no mar é poesia”, doc. 004: 0068.

³ A *scripta* do manuscrito é interrompida nesse ponto.

⁴ A transcrição semidiplomática mantém a grafia do texto, fazendo-se a transcrição linha a linha do documento, de acordo com os registros do banco de dados **Dossiê Arthur de Salles** (2007). Na transcrição foram usados os operadores: { } para indicar elementos restaurados (interpolação); [↑] para indicar acréscimo na interlinha superior; < > para indicar substituição por riscado; <> / \ para indicar substituição por riscado, com sobreposição do substituído; <†> para indicar ilegibilidade por deficiência da *scripta*; para indicar interrupção da *scripta*.

⁵ Em outra carta deixa claro: “Como vai [sic] tú?.. Li teus versos n’ “Ordem” / graças a Deus: tem o Brtasil o seu grande poeta catholico.” (068: 0361, f. 2, L. 9-10).

⁶ Ainda não se pôde identificar a quem era dirigida a crítica.